

Luiz Costa Lima

A ousadia do poema

ENSAIOS SOBRE A POESIA MODERNA
E CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA



editora
unesp



SUMÁRIO

Prefácio teórico – Poesia e experiência estética	9
Introdução – Letras à míngua	31

PRIMEIRA PARTE – A POESIA CONSOLIDADA

I. Acerca de Bandeira e Cabral	43
II. A forja da poesia: Carlos Drummond de Andrade	57
III. Dois poemas de João Cabral de Melo Neto	81
IV. Sebastião Uchoa Leite: resposta ao agora	111
V. O experimentalismo teorizado dos concretos	187

SEGUNDA PARTE – ALGUNS CONTEMPORÂNEOS

VI. Max Martins: a excepcionalidade paraense	213
VII. Francisco Alvim: a busca de um rumo	239
VIII. Oswald Martins: o vazio positivo	259
IX. Orides Fontela: a outra cena	279
X. Os trajetos na poética de Ana Martins Marques	299
XI. Dora Sampaio: a busca de si	319

Adendo – No contexto do concretismo, a poética de Augusto de Campos	347
Bibliografia	377
Índice remissivo	389

PREFÁCIO TEÓRICO



POESIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

*"THERE IS A SENSE IN SOUNDS BEYOND
THEIR MEANING."*

WALLACE STEVENS, "PIECES"

Mesmo que não tenhamos lido Agostinho, é provável que saibamos que, nas *Confissões*, o douto santo dizia saber o que é o tempo, contanto que ninguém o indagasse (cf. Agostinho, 1977, p.14).

É menos divulgado que, séculos depois, um certo Samuel Johnson diria o mesmo sobre a poesia. James Boswell, seu biógrafo exemplar, relata o diálogo, travado em 11 de abril de 1776:

Boswell: "Then, sir, what is poetry?"

Johnson: "Why, sir, it is much easier to say what it is not. We all know what light is; but it is not easy to tell what it is" (Boswell, 1892, p.85).

O cotejo das passagens nos ensina a suspeitar da suficiência das definições. Não se diz que elas sejam impossíveis ou impraticáveis – mesmo fora das ciências e do ambiente acadêmico, a sobrevivência diária se tornaria caótica sem um mínimo delas.

Isso não impede que sua eficácia dependa da obediência a dois pressupostos: a) que se limitem a ser descritivas, tenha ou não a descrição uma função normativa; b) que concirnam a objetos ou situações verificáveis ou de reconhecimento imediato ou quase imediato, isto é, que sejam reconhecíveis no que é a realidade para uma certa sociedade. Posso então definir um martelo, um parafuso, uma colher ou uma situação, assim como “a arrogância do império não impediu que a torre ruísse”. Contudo, mesmo em relação a instrumentos e situações evidentes, é indispensável levar em conta o segundo limite. Já provocará transtorno se eu me perguntar: para que servem tais coisas ou advertências? A resposta passará a depender de variáveis não previamente dadas: o conhecimento de que tempo e espaço se trata; e, dentro destes, de qual conjuntura atualizada por uma comunidade com seus hábitos e valores. Por isso mesmo, um conjunto de definições não forma uma teoria, tampouco uma teoria se confunde com um conjunto de axiomas.

Tais considerações não diminuem as dificuldades evidenciadas por Agostinho e Johnson. No primeiro caso porque Agostinho não ultrapassa o obstáculo a uma definição do tempo pelo uso do que hoje chamaríamos de uma “fenomenologia pura do tempo”. Pois, ainda que suspendamos a nossa suspeita contra a dita “pureza”, haveremos de concordar que “[...] a ‘teoria’ é inseparável da operação argumentativa, pela qual o pensador corta uma depois das outras cabeças sempre renascentes da hidra do ceticismo” (Ricoeur, 1987, p.23). Não separar a teoria da força da argumentação significa que sua concepção do tempo não caberá numa definição que, caso seja formulada, valerá apenas como recurso provisório, por exemplo, editorial, importante para a circulação de dicionários e enciclopédias. No caso de Samuel Johnson, a situação é mais grave: embora tão variadas, suas conversas com Boswell nunca pretenderam discutir ou esboçar alguma teoria que pretendesse ser adequada à poesia.

Só aparentemente, o pensamento contemporâneo nos põe numa situação menos embaraçosa. Seus dois máximos extremos,

Heidegger e Wittgenstein, indicam nosso desconforto. A eles recorrerei de maneira extremamente simplista.

Para Heidegger, a poesia (no sentido amplo de arte) é um instrumento privilegiado na revelação do Ser dos entes. Ao contrário do que o Ocidente pensara desde os gregos, o Ser já não se confunde com algo simplesmente situado “atrás” da substância ou habitante de uma região mais estável daquele em que os entes proliferam, mas, sim, o que se revela apenas instantaneamente para que logo retome à sua situação de velado (*verborgen*). A poesia é uma das formas pelas quais o Ser se desvela para que, como sucede nas outras maneiras, logo recaia em seu encobrimento (*Verdeckung*) originário. A formulação, embora mereça e já tenha recebido longos desenvolvimentos, é mais especulativa do que explicativa. Ou mais explicativa da própria concepção heideggeriana do *Dasein* do que da suposta poesia. Sem embargo, algo de fecundo é trazido ao leitor: embora o pensador a encare oblíqua e especulativamente, passamos a saber melhor que a poesia não é uma miragem ou algo dependente de um puro arbítrio (a intenção autoral ou a compreensão do leitor como árbitro). Ela, na verdade, é algo que a atividade no mundo cotidiano tende a ignorar.

No extremo oposto, localiza-se o mínimo que extrairei de Wittgenstein. É verdade que, na passagem que temos em mira, o filósofo austríaco não falava de poesia, mas, sim, de experiência estética. Mas a diferença de sujeito não seria por si um obstáculo, porquanto, se encontrarmos alguma trilha, no que diz sobre a experiência estética, se tomará menos misterioso o caminho de compreensão da poesia. Sabendo que assim se dá, reconhece-se que o avanço não será de ajuda para quem ainda aspire algo próximo a uma definição. A experiência estética, para Wittgenstein, é mais um “jogo de linguagem” (*Sprachspiel*), que só se define no interior de uma certa cultura: “O que pertence a um jogo de linguagem é toda a cultura” (Wittgenstein, 2007, p.8).

Como jogo de linguagem, a experiência estética não acolhe, revela e desfaz algo encoberto. O que se passa nela ocorre na superfície das palavras sintaticamente coordenadas, portanto

entre elas, e não em seu interior. Mesmo porque não se nega o acerto do que é dito; da reflexão de Wittgenstein, resulta que o mero recurso à “ciência da linguagem” não bastará para que sejam compreendidas as regras do jogo. Será preciso determinar quando e onde o jogo se desenrola e, a partir dessas coordenadas, sua situação precisa. Se imaginamos, por exemplo, uma cultura extremamente ritualística em que a formulação “*m’illumino d’immenso*” constituísse uma forma de cumprimento (!), digamos que reservado ao reencontro de um raro amigo, o verso de Ungaretti simplesmente perderia o caráter de um pragmático automatizado. (O exemplo inverso parece altamente improvável. Mas não estamos livres do arbitrário; não esqueçamos o poeta alemão que, pela simples conversão em “estrofe” da escalação de uma equipe de futebol, pretendia apresentar um poema.)

Em síntese, as reflexões decorrentes da referência aos dois pensadores, ao lado de desenvolvimentos imediatos feitos acima, recebem uma formulação pontual: há fenômenos que, apesar de sua frequente incidência, oferecem uma entrada mínima para o entendimento, no sentido pleno do termo. E, ainda quando alcançamos algum acesso a ele, este será sempre argumentativo. Daí sua impossibilidade de receber definição, no sentido próprio e dicionarizado do termo. É o caso da poesia. Seu pleno entendimento dependerá de mergulharmos nos *Spiefesprache* e diferenciar o jogo que lhe é específico.

Daí resulta um segundo desenvolvimento. Seu fundamento pode ser rapidamente formulado: a impossibilidade de definir a poesia parece ou escandalosa ao progresso científico, ou significa convertê-la em objeto de menosprezo. No entanto, é esse escândalo ou menosprezo que merece ser pensado. Pede-se a paciência do leitor. Talvez lhe pareça preferível seguir o conselho de Dante: “Non ragioniam di lor, ma guarda e passa”. Não é verdade que, diante de qualquer mediana dificuldade, costumamos recorrer a uma ciência, ainda que através de seu escalão mais trivial, a técnica mais banal? Ora, a qual ciência deveria o contemporâneo recorrer para entender a poesia? Como esta tem por veículo a palavra, a resposta haveria de ser a linguística. Assim, de fato, se

tentou, ainda nas primeiras décadas do século. O que antes era tarefa dos retóricos, passou a ser dos linguístas. Seria excessivo resgatar aqui a sua história. Mal esboçamos a linha dos formalistas. Ainda assim, já em etapa avançada.

Quando sua sobrevivência se tornou ameaçada sob o poder stalinista, alguns tantos (Trubetzkoy, Jakobson, Karcevski) passaram a colaborar com o Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Poucos anos depois, publicavam as hoje famosas *Teses de* 1929. Como seria inútil remeter o interessado à larga bibliografia sobre os formalistas russos e tchecos, recorro a duas pequenas passagens. Dez anos depois da fundação do Círculo, Mathesius escrevia:

Minha conferência [...] de 6 de fevereiro de 1911 [...], publicada com o título "Sobre a potencialidade do fenômeno da linguagem" [...], baseava-se na ideia de que, na linguística, o procedimento mais seguro parte da estática para dinâmica [isto é, da sincronia para a diacronia]. Estava convencido de que apenas na análise da linguagem contemporânea temos à nossa disposição materiais que são razoavelmente completos. (Mathesius, 1936, p.137-8)

Anos antes, em 1931, passagem de Jan Mukařovský era suficiente para mostrar como a ênfase imediata no plano fonológico dava lugar ao realce indevido do acústico sobre o gráfico (a retificação seria de máxima utilidade para a compreensão da nossa poesia concreta): (Os procedimentos gráficos),

como a escolha de diferentes tipos de impressão, a disposição dos tipos sobre a página, o emprego, diferente do uso normal, dos sinais de pontuação, das maiúsculas e das minúsculas etc., podem ter a função de componentes integrantes da estrutura da obra poética. *Se, até agora, pouco se dedicou a seu estudo quanto à obra, é que a preponderância do ponto de vista acústico fez com que se negligenciasse a sua importância.* (grifos meus)

Ao considerarmos a segunda formulação, logo notaremos que surge aí um operador que escapava da estrita competência linguística, ao menos de como usualmente é considerada: